

A FIGURA MÍTICA DE BRANCA DIAS NO TEATRO DE DIAS GOMES

Ediluce Batista SILVEIRA

Mestranda em Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia, M.G.
eisaluzjc@gmail.com

Resumo: A proposta desta comunicação é analisar a representação da figura feminina no imaginário hebreu tendo como objeto de estudo a peça teatral *O Santo Inquérito* de Dias Gomes. Na obra a personagem Branca Dias é o mito que representa o arquétipo do herói, capaz de gerar transformação e redenção. A protagonista é julgada pelo Santo Ofício por um crime nada convencional: o conhecimento adquirido por meio de leituras proibidas. Tendo em vista que as leituras realizadas por Branca Dias faziam parte do *Index Auctorum e Librorum*, a punição recebida pela moça só se confirmaria, por meio da confissão da heroína. O fato de ser conhecedora das letras, salvar o padre da morte por afogamento, ser cristã-nova, mesmo inconsciente de sua origem e dizer a verdade torna o grande pecado dessa moça que morre queimada na fogueira. Outro aspecto relevante é a análise da história da mulher judia e como a figura feminina é concebida no imaginário hebreu. Branca Dias é uma dessas representantes que nos faz refletir sobre o papel da mulher e dos indivíduos considerados inferiores na sociedade moderna. O embasamento teórico veio do pensamento de Gilbert Durand, os estudos de Carl Gustav Jung, Gaston Bachelard e Mircea Eliade.

Palavras-Chave: mito – símbolo – mulher – imaginário hebreu - leitura.

Introdução

Dias Gomes foi um dos grandes teatrólogos baianos da literatura contemporânea. Autor tanto de peças teatrais quanto de telenovelas, esse esquerdista teve papel fundamental nas manifestações artísticas brasileiras durante o período de Ditadura Militar, visto que retratava a história do povo para o povo e criava uma proximidade entre a manifestação artística – o teatro, por exemplo - e as classes menos favorecidas. Sendo assim, é possível verificar que no teatro do criador de Odorico Paraguaçu há um tom de política no que se refere às questões históricas e sociais. Para este teatrólogo:

Toda arte é política. A diferença é que, no teatro, esse ato é praticado diante do público[...]Ao contrário da pintura, da escultura, da literatura, ou mesmo do cinema, que já aconteceram quando são oferecidos ao público, o teatro possibilita a este testemunhar, não a obra realizada, mas em realização. E, sendo testemunha, como num julgamento, influir nela...Esse meio de expressão mais poderoso do que qualquer outro, torna o teatro a mais comunicativa e a mais social de todas as artes, aquela que de maneira mais “íntima” e reconhecível pode apresentar o homem em sua luta contra o destino[...] (GOMES, 1998, p. 210-211)

Diante de seu engajamento político e de sua preocupação com a arte enquanto um elemento politizante é que Dias Gomes colaborou para que houvesse uma reflexão sobre as realidades sociais do povo brasileiro, seja por meio do teatro, seja através do enredo das telenovelas. Por isso, os temas desenvolvidos em sua dramaturgia saem do povo e são reflexos dos problemas sociais experimentados pela população.

Com o objetivo de contribuir para a construção de uma arte voltada para resistência, tendo em vista a problemática da Ditadura Militar, Dias Gomes emprega os recursos alegóricos para compor sua obra. Como escrevia rádiopeças, sua atuação em programas como *A vida das palavras*, oportunizou-o a elaborar textos que misturavam música, história, folclore, teatro, poesia, humor, enfim, era um coquetel radiofônico de programas. Mais tarde, essas pesquisas serviriam-lhe para a composição tanto de novelas como *Roque Santeiro* quanto de peças teatrais como *O Santo Inquérito*.

Escrita em 1966 e encenada a primeira vez em 25 de setembro daquele mesmo ano, no Teatro Jovem do Rio de Janeiro, *O Santo Inquérito* é uma peça cujo recurso alegórico empregado por Dias Gomes foi uma estratégia para burlar os censores, já que os militares condenavam tudo que ia contra a ideologia do governo. O tempo da enunciação era um momento de efervescência em relação às perseguições, por isso a alegoria contribuiu significativamente para que o fato ficcional fosse abordado sem intervenções punitivas. Em contrapartida, o tempo do enunciado – Brasil Colônia – favoreceu para que o processo alegórico obtivesse sucesso. Tendo em vista que o regime militar não deixaria que as encenações criticassem as estratégias governamentais, houve uma camuflagem da temática tratada por meio da representação de um contexto de perseguição étnica, política, social e religiosa aos judeus e cristãos-novos do século XVIII. As consequências disso? Diante da apresentação de um presente ligado ao passado, o indivíduo deveria aprender a discernir melhor cada tempo a fim de agir e ressignificar a história.

Essa seria a motivação para que o leitor pudesse discutir, conscientizar-se e interferir sobre um dado momento histórico. Ademais, Dias Gomes revela uma dramaturgia engajada nas questões sociais e políticas, isto é, sua produção era verdadeiramente uma arte voltada para resistência.

Branca Dias: uma figura mítica

O motivo central da peça *O Santo Inquérito* está associado à protagonista Branca Dias e à dualidade do seu pensamento em oposição ao raciocínio ortodoxo dos inquisidores. Ela era uma cristã-nova que salva o Padre Bernardo da morte por afogamento e, diante das acusações de seu algoz é julgada e enviada à fogueira. Há, então, a manifestação do jogo de luz e claridade – Branca Dias – e trevas e escuridão – Inquisição – como contrapontos para a composição cênica. Além disso, a construção da personagem principal revela ao leitor-espectador algo significativo: as representações da morte de tantos outros indivíduos que viveram, em épocas distintas, formas semelhantes de perseguição, mulher, judeu, negro ou índio.

Essa relação antagonica – trevas e luz - é uma constante nesta obra tendo em vista a representatividade da mulher no Brasil Colônia. A imagem feminina sempre esteja carregada de grande mistério e, por isso, permeada por nebulosidade. Para o imaginário masculino, o “sexo frágil” era, na verdade, uma manifestação demoníaca, mesmo carregando a incumbência da maternidade. Além disso, a figura feminina contribui significativamente na construção desse paradoxo. Durante o período colonial, o cotidiano feminino causava estranheza aos

descobridores: a nudez das índias, por exemplo, incitava a lascívia e a luxúria. Segundo Mary Del Priore (2006) no ensaio *Magia e medicina na colônia: o corpo feminino*, a constituição física feminina “era palco nebuloso e obscuro no qual Deus e o diabo se digladiavam” (PRIORE, 2006, p. 78). Isso prova como a mulher era conceituada: a personificação do bem e do mal. Padre Bernardo usa dessa crença, do fato de ser Eva – uma mulher - a destruidora da relação harmônica entre o homem e Deus para provar que Branca está possuída pelo Demônio e que, confirmando a teoria de Delumeau (2009) - na obra *História do medo no Ocidente* - de que a mulher é um agente de Satã.

Jean Delumeau (2009) aponta duas abordagens para o medo: em um primeiro momento, ele é uma defesa essencial, já que garante o indivíduo quanto a qualquer perigo, isto é, o medo é “um reflexo indispensável que permite ao organismo escapar provisoriamente à morte” (DELUMEAU, 2009, p. 24); em uma segunda instância, o medo é a causa da involução da humanidade, tendo em vista o caráter repressivo e a natureza dissociadora de uma consciência individual. Além disso, esse historiador propõe um sentido mais restrito para o termo “medo” tendo em vista o caráter particular dessa “emoção choque” que surge precedida de surpresa e provocada pela tomada de consciência do perigo.

Além dos judeus, uma figura foi considerada agente do mal foi a mulher. “A atitude masculina em relação ao ‘segundo sexo’ sempre foi contraditória, oscilando da atração à repulsão, da admiração à hostilidade” (DELUMEAU, 2009, p. 462). A figura feminina sempre foi um mistério a ser decifrado pelas sociedades falocêntricas. Motivo paradoxal de veneração e temor mortal, a mulher produziu e produz no homem a curiosidade para desvendar o mistério que representa tal ser:

Essa veneração do homem pela mulher foi contrabalanceada ao longo das eras pelo medo que ele sentiu do outro sexo, particularmente nas sociedades de estruturas patriarcais. Um medo cujo estudo por muito tempo se negligenciou e que a própria psicanálise subestimou até época recente. No entanto, a hostilidade recíproca que opõe os dois componentes da humanidade parece ter sempre existido e “traz todas, as marcas de um impulso inconsciente”. (DELUMEAU, 2009, p. 463)

Muitas são as raízes do medo que giram em torno da mulher: a maternidade; a ausência do falo, sinal de castração e, por conseguinte, de inferioridade; o obscurantismo em relação ao ser mulher e a representatividade feminina ligada à natureza. A proximidade feminina com os aspectos naturais contribuiu para que a mulher, nas civilizações tradicionais, tivesse o poder tanto de profetizar quanto de curar ou de prejudicar por meio das feitiçarias e magias. Na verdade o conhecimento feminino acerca do uso de ervas, por exemplo, contribuiu para que a mulher recebesse o título de benzedeira.

Do ponto de vista historiográfico, o homem sempre teve a primazia em relação à mulher. Tanto os deuses da mitologia grega quando o Deus judaico-cristão são masculinos, possuidores de um poder sobrenatural. Isso porque agem com a racionalidade varonil e são favorecidos pela força e sabedoria. Em contrapartida, as mulheres são a emoção embuídas de um sentimentalismo que as “impedem” de racionalizar os fatos, sendo por isso, submissas a todas as representações ditas superiores. Segundo Santiago Montero (1998) na obra *Deusas e Adivinhas: mulher e adivinhação na Roma Antiga*, o sexo feminino possui uma susceptibilidade ao influxo das emoções, que permeiam o seu cotidiano. Isso contribuiu para que o instinto feminino esteja em

conformidade com o instinto maternal, sendo capazes de perceber, por exemplo, quando o perigo está próximo, além de mostrarem-se predisposta às adivinhações.

Ao longo do processo histórico, há uma confirmação da subserviência feminina. Durante a antiguidade clássica, Aristóteles concebe o homem como o senhor da família, sabedor de todas as coisas, aquele que sustenta os seus por meio da hierarquização e dominação. Cabia à mulher a obediência, o respeito e a devoção à autoridade masculina. Na Idade Média, ainda há a primazia masculina. Por ser um momento repressivo, a mulher sofre com o autoritarismo masculino e a rejeição. Neste período, a mulher assume figuras constitutivas da repressão: trabalhadora no campo, religiosa e procriadora, sempre à disposição do seu senhor. Com o desenvolvimento da sociedade burguesa, a mulher passa a trabalhar, a cuidar da casa e dos filhos, é instaurada a mulher do lar, ou seja, aquela que exerce o papel de cuidadora das tarefas domésticas e das necessidades básicas da família, mas sem muita autoridade. Com a ascensão das cidades, inicia-se um processo de marginalização da mulher.

No Brasil Colônia não foi diferente. O papel da mulher é reflexo de uma sociedade em construção que vive paradoxos, pois, estando em um Novo Mundo, o homem precisa da presença da mulher para procriar e encher de descendentes – brancos e cristãos - a Terra de Santa Cruz. Durante o período colonial, a estranheza causada pelo cotidiano feminino era revelador de uma mulher que personificava o bem e o mal. Silva Alexim Nunes (2000) no ensaio *O século XVIII e a construção da imagem materna* revela que “O sexo feminino é um subproduto do sexo masculino, um ser inacabado, menos evoluído” (NUNES, 2000, p. 33) e, por ser “inacabado” é considerada um “homem imperfeito”, já que nasce da essência que é o próprio Deus.

A criação de Branca Dias enquanto imagem literária contribui para a construção e renovação do mito objetivando suprir as necessidades do inconsciente coletivo. Essas imagens possuem a função de nos transportar - e por que não dizer reinventar - o universo mitológico, renovando-o de acordo com a realidade cultural experimentada por cada indivíduo num determinado tempo e espaço. Contudo, é notório que a atividade do imaginário humano desencadeia aspectos psíquicos mais profundos e desconhecidos pelo inconsciente.

Carl Gustav Jung (2008) no trabalho *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* revela a importante tarefa de distinguir a função do consciente e do inconsciente: este está ligado à intimidade do indivíduo, é a essência mais profunda do ser, seu saber secreto, aquilo que almeja atingir; enquanto aquele é a realidade representada em sua concretude, ou seja, aspecto visível do ser. O homem por meio da consciência é senhor de si, sabedor daquilo que alcança, no entanto, para os estudos junguianos, o inconsciente é a manifestação de algo construído ao longo das experiências coletivas:

[...]os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas a hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos.(JUNG, 2008, p. 53)

Sendo assim, surge um aspecto fundamental para o estudo do imaginário humano: o arquétipo. Para Jung (2008), arquétipo é o conteúdo do inconsciente coletivo dotado de intencionalidade. Por inconsciente coletivo compreende-se a camada mais profunda que abarca todas as experiências ou aquisições do âmbito da coletividade, ou seja, um indivíduo guarda em seu subconsciente aquilo que Freud chamava de “resíduos arcaicos” (JUNG, 2008, p. 67) e, por

meio dos sonhos, manifestam-se representações conscientes que não possuem uma fórmula historicamente elaborada. Sobre os arquétipos, Jung (2008) revela:

O conceito de “archetypus” só se aplica indiretamente às “représentations collectives”, na medida em que designar apenas aqueles conteúdos psíquicos que ainda não foram submetidos a qualquer elaboração consciente. Neste sentido, representam, portanto, um dado anímico imediato. Especialmente em níveis mais altos dos ensinamentos secretos, os arquétipos aparecem sob uma forma que revela seguramente a influência da elaboração consciente, a qual julga e avalia.(...) O arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta. (JUNG, 2008, p. 17)

Os arquétipos indicam, então, a existência de determinadas formas psíquicas presentes em todo o tempo e espaço, por isso possuem disposições hereditárias para reagir, manifestadas por meio das imagens simbólicas coletivas que aparecem no sonho. Este “[...]é um fenômeno psíquico normal, que transmite à consciência reações inconscientes ou impulsos espontâneos[...].” (JUNG, 2008, p. 67). Neste sentido, as manifestações oníricas são os símbolos produzidos inconsciente e espontaneamente pelo homem. O pensamento junguiano ainda revela que essas imagens simbólicas e universais são reunidas em constelações sob a ação transformadora de um dado momento social. Neste sentido, os arquétipos se repetem em circunstâncias históricas porque possuem uma intensidade bastante significativa enquanto a sua representação simbólica transforma-se ao longo do tempo. Há, portanto, uma ligação entre o arquétipo e o símbolo.

O vocábulo “símbolo” vem do grego *sýmbolon*, do verbo *symbálllein*, “lançar com”, arremessar ao mesmo tempo, “com-jogar”. Sinal de reconhecimento no princípio, o símbolo é, pois, “[...] um termo, nome ou imagem que pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional[...].” (JUNG, 2008, p. 20). É importante notar que no símbolo há o conhecimento acerca do objeto, no entanto as suas implicações simbólicas são desconhecidas. Por isso, existe uma variedade de símbolos, visto que há uma multiplicidade de significados imediatos desencadeados por meio do aspecto cultural do indivíduo. A nossa mente é produtora de símbolos, principalmente, quando sonhamos, já que o sonho permite a investigação de aspectos inconscientes de ocorrências psíquicas conscientes.

Os símbolos apontam diferentes interpretações. Segundo Jung (2008), “Eles(os símbolos apresentados nos sonhos) nos revelam nossa natureza original com seus instintos e sua maneira peculiar de raciocínio”(JUNG 2008, p. 95). É perceptível que os sonhos oferecem à vida, por assim dizer, os significados e as leituras dos símbolos. O inconsciente primitivo libera todas as informações que foram armazenadas por meio dos símbolos oníricos como se houvesse a ressuscitação de tudo aquilo que a mente guarda. Os símbolos oníricos trazem à tona uma série de acontecimentos que, quando estimulados, tornam-se vivos na memória psíquica do indivíduo. Jung ainda nos revela que:

A função criadora dos símbolos oníricos é, assim, uma tentativa para trazer a mente original do homem a uma consciência ‘avançada’ ou esclarecida que até então lhe era desconhecida e onde, conseqüentemente, nunca existira qualquer reflexão autocrítica. Num passado distante esta mente original era toda a

personalidade do homem. À medida que ele desenvolveu a sua consciência é que a sua mente foi perdendo contato com uma porção daquela energia psíquica primitiva. (JUNG, 2008, p. 98)

Portanto, símbolo é a produção de imagens que o inconsciente utiliza para revelar-se já que não o faz por meio da expressão verbal. Enquanto o símbolo é uma representação concreta que faz surgir um sentido secreto, já que nasce da relação onírica e anímica do indivíduo, surge, então, a necessidade de se conceber o mito. A palavra “mito” possui acepções das mais simples até aquelas mais elaboradas e que buscam alcançar a razão humana. É possível dizer que mitos são sistemas tão dinâmicos quanto os arquétipos e os símbolos. Isso prova que há uma ligação intrínseca entre essa tríade.

Um conceito bastante simplório é o de que os mitos são narrativas que foram criadas para apaziguar as necessidades do homem primitivo, já que ele não possuía o conhecimento científico capaz de justificar, principalmente, os eventos naturais. A palavra mito vem do grego *mythós* e estabelecia uma relação entre a “fábula”, a “invenção” e a “ficção”, no entanto o conceito do termo foi sendo alargado. Segundo Brandão (2007, p. 38) na obra *Mitologia grega* “...os mitos são a linguagem imagística dos princípios...”. Assim, percebe-se que eles explicam a etimologia das manifestações culturais diversas, ligada ao imaginário de um determinado grupo social. Para Mircea Eliade (1972) no trabalho *Mito e realidade* “[...] o mito é uma realidade cultural, extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares” (ELIADE, 1972, p.9). Ainda sobre o conceito de mito, Mircea Eliade acrescenta:

[...]o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio". Em outros termos, o mito narra como uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento. É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a "sobrenaturalidade") de suas obras. (ELIADE, 1972, p. 9)

Ingrediente vital para a civilização humana, é possível notar que o mito torna-se um modelo exemplar de comportamento humano, visto que está ligado ao sagrado e ao verdadeiro tendo em vista as realidades nas quais os fatos acontecem. Para Bowra (1967) na obra *A experiência grega* o mito é um conto que busca a satisfação do homem pré-científico objetivando amenizar o que a razão ainda não conseguiu satisfazer. Todos os conceitos de mito nos conduzem a uma reflexão: o caráter apaziguador que o mito possui diante de diversas realidades e, por conseguinte, diversos imaginários.

É fato que o mito é um elemento vivo e dinâmico em uma sociedade, pois ele não só fornece os moldes para a conduta humana, mas também confere significação e valor existencial ao indivíduo. O mito é, muitas vezes, reatualizado: desde as sociedades primitivas, os mitos são rememorados e lhe são atribuídos significados diferentes. O homem contemporâneo inspira-se nos mitos enquanto herança cultural das sociedades primitivas para elaborar ou (re) inventar as suas figuras mitológicas. Neste sentido, há um elo entre mito e a ideia de arquétipo, visto que ambos fazem parte do inconsciente coletivo. Tanto o arquétipo quanto o mito são modelos primitivos que fazem parte da história da humanidade e que, de alguma forma, são ativados e

reatualizados em sociedades culturais distintas. Assim sendo, Branca Dias é a expressão do arquétipo do herói; sua história constitui o mito; sua inteligência, sua capacidade de agir são símbolos do poder que ela tem de desmistificar os pré-conceitos impostos por uma sociedade falocêntrica em relação ao feminino.

Como são elementos constitutivos da criação literária, os arquétipos, os símbolos e os mitos contribuem significativamente para a construção do texto literário tendo em vista que o processo de criação é motivado pelo imaginário do indivíduo. Esta tríade é a constatação do porquê um homem de épocas diferentes possui uma mesma visão da realidade: o indivíduo constrói o seu imaginário criando um elo entre esses três elementos: arquétipo-símbolo-mito. É por meio destes fatores de criação que há a possibilidade de instaurarmos a imagem literária.

Tratar de imagem literária é concebê-la como uma estratégia de elaboração de que o autor necessita para compor o texto literário. A alma humana precisa libertar-se da aridez do consciente, por isso a forma anímica apela ao subconsciente e à vivência originária, a fim de que ele desate as amarras da prisão e conduza a imaginação a aventurar-se. Conforme Gaston Bachelard (1990) na obra *O ar e os sonhos* nos revela, é por meio da imagem literária que o indivíduo representa a sua emergência da imaginação:

Uma imagem literária é um sentido em estado nascente; a palavra – a velha palavra – recebe aqui um novo significado. Mas isso ainda não basta: a imagem literária deve se enriquecer de um onirismo novo. Significar outra coisa e fazer sonhar diferentemente, tal é a dupla função da imagem literária. (BACHELARD, 1990, p. 257)

A imagem literária possui o caráter da originalidade, ou seja, sempre se renova, é intensa e dinâmica, já que põe as palavras em movimento dando-lhes vida. De acordo com o pensamento bachelardiano, a imagem não é um resíduo de conteúdos cotidianos, mas a manifestação de fatos vividos e permanecidos no inconsciente. A imagem é uma expressão arquetípica, possuidora de vários significantes e pode ser considerado o “sonho falante”.

A teoria do imaginário, de Gilbert Durand(2001) – em *Campos do imaginário* - nos revela o quanto há uma ligação entre a imaginação e a literatura, visto que a obra literária surge não só das experiências conscientes do autor, mas também de uma experiência cultural herdada por meio das sociedades primitivas. O método arquetipológico proposto por esse estudioso das imagens contribui significativamente, porque engloba várias áreas do saber – filosofia, antropologia, psicologia – para abordar o homem em suas diversas faces e contribuir para a construção do sentido simbólico tão comum na literatura. Muitas são as contribuições desses teóricos para a compreensão do homem. O imaginário constitui no conjunto de imagens que, consteladas, contribuem para que o indivíduo dê sentido ao mundo e à vida.

É analisando esses conceitos que Branca Dias pode ser inserida como a manifestação arquetípica do herói. A imagem primordial, encontrada no nosso inconsciente, contribui para a criação da imagem literária e de personagens como a cristã-nova Branca Dias. Mulher, que já ostenta pelo nome a simbologia da pureza, da transparência, da alteridade e da clareza de quem apenas queria ter uma vida simples, em dedicação a Deus, ao noivo, ao pai e àqueles a quem pudesse ajudar; Branca é uma moça que vivia o altruísmo, o desejo de colocar-se sempre à disposição do próximo sem nenhuma intenção. Ela é a representação da figura arquetípica do “herói”. Por isso, ela é tão redentora quanto transformadora.

Ao salvar o protagonista Padre Bernardo da morte por afogamento, ele a questiona sobre como era conhecedora das práticas de socorro à vítima. Branca revela o seu grande segredo: sabia

ler. Isso intriga o padre que começa a visitar a moça a fim de verificar se ela cumpre com os ritos cristãos ou se realiza o ritual judaico. O grande motivo de condenação de Branca Dias é, na verdade, o fato de ser uma mulher conhecedora do mundo das letras, em uma época cuja figura feminina não tinha acesso à leitura. A mulher sempre foi privada do ato de ler, já que seu objetivo era cuidar dos afazeres domésticos. Curioso pensar que, diferente de Branca Dias, durante o século XII existiu na Alemanha uma freira que se chamava Hildegarda de Bingen, mulher ilustradíssima, leitora assídua e grande descobridora de remédios. Foi uma importante figura para a Igreja Católica tendo em vista que, durante sua vida monástica, aprofundava seus estudos, convencida de que o conhecimento viabilizaria a prática da fé. Contudo, era uma mulher obediente à Igreja e, por conseguinte, a Deus e aos ideais falocêntricos.

No entanto, como lia várias obras, Branca Dias demonstrava ser questionadora e, por isso, queria entender o porquê afastar a leitura, seu maior prazer, de si além de demonstrar um verdadeiro desejo pelo conhecimento. Eis mais um motivo para que o Tribunal considerasse-a herege. Em vários momentos da leitura da obra é possível verificar o quão transparente é a personagem e como suas falas são distorcidas pelo Padre Bernardo que, na verdade, se sente atraído pela protagonista.

O ato heróico de salvar o padre usando as estratégias de primeiros socorros é como a prática da virtude é identificada na protagonista. No entanto, suas ações são distorcidas pelo padre. É claro que a nossa heroína provocou no sacerdote seus desejos carnis até então reprimidos e, o grande herege na narrativa, é, na verdade, o padre adúltero do comportamento e das atitudes da moça. Para ele, Branca representava a serpente, transgressora das ordens de Deus e da Igreja.

No início da peça em seu julgamento, a figura mítica de Branca Dias revela um profundo conhecimento das narrativas e das normas bíblicas. Utilizando um campo lexical voltado para expressões que remetem ao leitor à natureza, ela define Deus por meio de uma imagem poética, simbólica, carregada de simplicidade, alegria, leveza e gratidão. Há um movimento cultural fortemente místico chamado *chassidismo* fundado por Israel Baal Shem-Tov, ao redor de 1750. Segundo Moacyr Scliar (1985) na obra *A condição judaica: das Tábuas da Lei à Mesa da Cozinha*, os *chassidim* viam Deus em toda a parte, nas árvores, nos animais, nos objetos; seu culto se expressava não na leitura da *Torah* em templo, mas sobretudo no canto e na dança. Isso é mais um indício para o Santo Ofício considerá-la herege, já que ela ousa empregar palavras tão simples para definir Deus o que revela aos inquisidores – deturpadores do discurso da personagem - a noção de panteísmo ligado ao paganismo:

Branca: [...] O mais importante é que eu sinto a presença de Deus em todas as coisas que me dão prazer. No vento que me fustiga os cabelos, quando ando a cavalo. Na água do rio que acaricia o meu corpo, quando vou me banhar. No corpo de Augusto, quando roça no meu, como sem querer. Ou num bom prato de carne-seca, bem apimentada com muita farofa, desses que fazem a gente chorar de gosto. Pois Deus está em tudo isso. E amar a Deus é amar as coisas que Ele fez para o nosso prazer. (GOMES, 2009, p. 32)

Ao dizer que sente a presença divina em tudo a seu redor, Branca Dias confere à natureza a noção de sacralidade analisada por Mircea Eliade (1992) na obra *O sagrado e o profano*. Para esse historiador, a natureza é espaço de epifania dos deuses, ou seja, é por meio dela e dos fenômenos naturais que há a manifestação das divindades. Além disso, há um caráter de misterioso, de encantador que torna a natureza espaço de religiosidade. É pela natureza, então,

que acontece a hierofania do cosmo tendo em vista que são oferecidos valores diferentes aos elementos naturais. Nisso consiste a visão que Branca Dias possui do cosmo: no fato de entrelaçá-lo a Deus como sendo a manifestação concreta, real do próprio criador à criatura.

Para o homem religioso, a Natureza nunca é exclusivamente “natural”: está sempre carregada de um valor religioso. Isto é facilmente compreensível, pois o Cosmos é uma criação divina: saindo das mãos dos deuses, o Mundo fica impregnado de sacralidade. Não se trata somente de uma sacralidade comunicada pelos deuses, como é o caso, por exemplo, de um lugar ou um objeto consagrado por uma presença divina. Os deuses fizeram mais: manifestaram as diferentes modalidades do sagrado na própria estrutura do Mundo e dos fenômenos cósmicos. (ELIADE, 1992, p. 59)

Ao conceber a apresentação do mundo com uma carga de sacralidade e ao contemplá-lo, Branca Dias descobre os múltiplos modos do sagrado e, por conseguinte, do Ser. Antes de tudo, encontra-se no mundo e, por conseguinte, nele revela a natureza sagrada da mulher e a sua associação ao natural: a figura feminina sempre esteve, misticamente, ligada à terra, à agricultura, às ervas medicinais e à bruxaria tendo em vista essa associação. Sobre esse fato, no prefácio intitulado *Breve Introdução Histórica* na obra *O martelo das feiticeiras* Rosie Marie Muraro (1997) no prefácio de acrescenta:

Hoje há consenso entre os antropólogos de que os primeiros humanos a descobrir os ciclos da natureza foram as mulheres, porque podiam compará-los com o ciclo do próprio corpo. Mulheres também devem ter sido as primeiras plantadoras e as primeiras ceramistas, mas foram os homens que, a partir da invenção do arado, sistematizaram as atividades agrícolas, iniciando uma nova era, a era agrária, e com ela a história em que vivemos hoje. (MURARO, 1997, p. 7)

Desse modo, através do discurso, a protagonista revela o quanto pode representar uma ameaça para a Igreja, visto que possui um conhecimento pouco oferecido às mulheres da época. Por meio de um impulso próprio e arquetípico do herói, Branca não desanima e luta a favor de seus ideais. Defende seu pai, seu noivo e todos aqueles em quem acredita por meio de um espírito corajoso das deusas mitológicas como Atenas, a deusa da sabedoria ou Pandora, a primeira mulher criada por Zeus.

Em sua luta pela verdade, Branca Dias perde o noivo, que é morto porque não quis denunciar a amada pela heresia nunca praticada. O pai da moça – Simão Dias – acredita que mentir seria menos comprometedor, já que a lei – a Igreja representada pelos inquisidores – não estava do lado dos cristãos-novos. Sendo assim, não ajudou a Augusto (noivo de Branca) e deixou-o morrer para livrar seus bens do confisco e sua família da declaração de injúria.

No entanto, em um ato heróico, Branca Dias se entrega à morte e sai vitoriosa:

Branca: Há o mínimo de dignidade que o homem não pode negociar, nem mesmo em troca de liberdade. Nem mesmo em troca do sol. (GOMES, 2009, p. 138)

É notório que a protagonista da peça é a imagem simbólica do conhecimento arquetípico compartilhado por diversas gerações: a luta entre o bem e o mal pela figura do herói. No

momento de sua entrega, ela revela o quanto está arraigado em seu ser o arquétipo da heroína que se rende a um ideal de virtudes e de amor. Branca vive, então, o misto de derrota e de vitória, já que é fiel a seus princípios e, por isso, deve morrer por eles e, por meio de sua morte, a heroína se perpetua na história da humanidade tendo lutado por seus ideais de vida. Ela é também a representação do “cordeiro imolado” que livra os seus antepassados de toda a calúnia e injúria praticada pelos parentes judeus. Branca Dias torna-se a libertadora de seus ancestrais.

Tendo em vista o fato de que, segundo Gilbert Durand (1998) na obra *Campos do imaginário*, há um mito dominante em cada época, Branca Dias é a representação do imaginário hebreu na literatura. Ela é, então, uma nova Lilith que não se submete às ordens do homem e, por isso, torna-se herege. Sendo assim, essa mulher transgride o conceito judaico-cristão de que o homem é a autoridade máxima, única, capaz de suprir todas as necessidades do coletivo, visto que ele – na figura de Adão – foi idealizado por Deus enquanto a mulher veio da matéria – barro – e, por isso, deve obediência.

De acordo com Moacyr Scliar (1985) a posição do judaísmo em relação à mulher é ambígua tendo em vista que a divindade é masculina. Conforme o Pentateuco, no imaginário hebreu, a mulher teve destaque de Matriarca, já que acompanhava os Patriarcas em todos os lugares e era respeitada. Os judeus, entre os povos da antiguidade, eram os poucos que não tratavam a mulher como seres absolutamente inferiores. Scliar ainda revela:

Com o tempo, a importância da mulher na família judaica foi crescendo e chegou e chegou a seu ápice nas aldeias da Europa Ocidental, quando a mãe judia tornou-se a base, o sustentáculo da família, o que era mais evidente quando o marido – fato não incomum – passava os dias no cheder (escola religiosa) dedicado aos assuntos da religião. A imagem caricatural da mãe judia, alimentadora, histérica na proteção de sua prole, certamente nasceu aí. (SCLiar, 1985, p. 57)

Ao longo do tempo, por meio do ideal estrangeiro, principalmente o grego¹, a mulher perde o seu papel de Matriarca e é reduzida à submissão masculina. Todas as manhãs no rito judeu ortodoxo, o homem ainda reza agradecendo a Deus “por não ser ignorante, por não ser bárbaro, por não ser mulher”. Esta oração, chamada *Bênçãos Matinais* é o reconhecimento do fardo que a mulher carrega sobre si.

Segundo Sandra Kochmann (2005) em seu ensaio *O lugar da mulher no judaísmo*, a presença da mulher na vida pública – questões políticas, sociais, econômicas e religiosas – desaparece no período do Talmud: transcrições das discussões e interpretações dos Sábios, que fazem parte da tradição oral do povo judeu - que abrange o século III a século VI da Era Comum. Ainda de acordo com a rabina:

Essa concepção do lugar da mulher na sociedade na época do Talmud – época na qual foram estabelecidas as regras do dia-a-dia judaico, baseadas na interpretação e análise dos textos bíblicos pelos rabinos (exclusivamente homens)-, recebe influência direta da antiga sociedade grega em que estava inserida. Nela a mulher praticamente não tinha vida social, já que estava afastada dos lugares e acontecimentos públicos, entre eles, os religiosos. (KOCHMANN, 2005, p. 37)

¹ Alexandre, o Grande (no século III A. C.) incorporou a Palestina ao Império Helênico, no qual os judeus se dispersaram, assimilando os costumes gregos, mudando de nome e até esquecendo o hebraico.

Cabe, então à mulher judia as tarefas de cuidar da casa, do marido e dos filhos. Basicamente, o cotidiano feminino restringia-se às funções biológicas, como a procriação, e social cuja finalidade era manter a harmonia na casa para que o *baal*, ou seja, *marido* – palavra hebraica que significa “dono, patrão, proprietário, donos do mundo” – pudesse cumprir os preceitos no tempo destinado a Deus. A mulher não possuía esse tempo, pois quem a orientaria era o esposo. Esta é pretensão de Branca Dias: casar, ter filhos e cuidar da casa:

Branca: Mas eu não quero ser santa. Minhas pretensões são bem mais modestas. Não é pela ambição que o Capeta há de me pegar. Quero viver uma vida comum, como a de todas as mulheres. Casar com um homem que amo e dar a ele todos os filhos que puder. (GOMES, 2009, p. 48)

Outra característica intrigante na figura mítica da cristã-nova Branca Dias é o fato de ela saber ler. Muitas comunidades judaicas, por serem ortodoxas, não admitem a inserção da mulher nas atividades religiosas nas sinagogas tendo em vista a orientação do Talmud. No entanto, as comunidades reformistas judaicas têm lutado em defesa dos direitos da mulher de participação ativa nos eventos hebreus. Sendo assim, a menina judia, ao completar seus doze anos e seis meses, passa por um ritual de iniciação chamado Bat Mitzvá², ou seja, é inserida na vida religiosa. Para que a judia esteja preparada para o seu Bat Mitzvá, precisa saber ler para fazer a leitura da Torah, livro Sagrado para os judeus. Eis uma das características judias mais relevantes em nossa protagonista: a intimidade com a leitura:

Padre: Ler?

Branca: Sabe as coisas que mais me divertem? Ler estórias e acompanhar procissão de formigas. (*O Padre ri*) Sério. Tanto nos livros como nas formigas a gente descobre o mundo. (GOMES, 2009, p.39)

Em outro momento, sob a acusação do Santo Ofício:

Notário: (*Entra com a pilha de livros. Como se encontrasse uma bomba*) Livros!

Branca: Meus livros! São Meus! Que vai fazer com eles?

Visitador: Sabe ler?

Branca: Sei.

Visitador: Por quê?

Branca: Porque aprendi.

Visitador: Para quê?

Branca: Para poder ler.

Visitador: Mau. [...]

Notário: E uma Bíblia – em português!

Visitador: Em português!? [...]

² Bat Mitzvá: A introdução desse ritual para as mulheres aconteceu na Alemanha no século XIX, durante a Reforma Judaica. O objetivo da cerimônia era inserir e confirmar a presença da menina judia nos eventos judeus tomando como modelo a liturgia protestante.

Branca: Fiquei muito contente porque, como não sei ler latim, pude ler a Bíblia toda e já fiz várias vezes.

Visitador: (*Entrega os livros ao Notário*) Todos esses livros são reprovados pela Igreja; vamos levá-los.(GOMES, 2009, p. 80-82)

Ao longo do inquérito, Branca tenta provar o quão ingênua era a sua leitura. Lia para sentir o prazer de conhecer novos mundos, ter o conhecimento que, a maioria das mulheres não tinha, já que era proibido às moças estudarem. Neste momento é possível perceber o quanto a Igreja era dominadora em relação à postura das mulheres. De acordo com os estudos historiográficos de Priore (2006), a história da mulher brasileira é reveladora da influência da Igreja no comportamento feminino:

A toda e poderosa Igreja exercia forte pressão sobre o adiestramento da sexualidade feminina. O fundamento escolhido para justificar a repressão da mulher era simples: o homem era superior e, portanto, cabia a ele exercer a autoridade. (PRIORE, 2006, p. 45-46)

A figura arquetípica da heroína Branca revela o desejo da mulher em transgredir o universo masculino em detrimento dos direitos femininos. A protagonista é a imagem simbólica constitutiva de outras personagens tanto representativas da ficção quanto da realidade, visto que o ser-mulher vive permeado pelo sofrimento e estigma da incapacidade tão afirmada pelo homem. Eva, Lilith, Pandora, Rebeca todas são desobedientes em defesa de um ideal: conquistar seu espaço em uma sociedade predominantemente machista.

O mito elaborado pelo homem contemporâneo carrega traços de um imaginário que nos remete a origem, principalmente, do povo hebreu. Tendo em vista os arquétipos primordiais, é possível notar que a heroína Branca Dias é a imagem simbólica dos mitos originais que são reatualizados numa visão moderna. A luta feminina em prol de seu espaço numa sociedade machista é constante. No entanto, são as figuras femininas que nos inspiram a lutar pelos nossos ideais e colaboram para que, mesmo diante da morte, tenhamos a certeza de que o ato heróico pressupõe dissabores e sabores.

A peça *O Santo Inquérito* é por si só a representação da tragédia, visto que revela ao espectador não só o drama vivido por um protagonista, mas a de uma série de figuras que, ao longo da história da humanidade, foram perseguidas por se tratarem de indivíduos representantes das minorias.

Considerações Finais:

É interessante verificar que na história da humanidade há mulheres que lutaram pelo direito de simplesmente ser mulher. Ao analisarmos os fatores históricos, é possível notar que a figura feminina sempre cumpriu o papel de subserviente, sendo subjugada à dominação masculina. No entanto, há, mesmo que por meio de pequenas figuras, uma mudança no papel social da mulher.

Embora os conceitos judaico-cristãos propaguem uma hierarquização entre homens e mulheres, há, simultaneamente, a divulgação de um novo comportamento feminino representado aqui por Branca Dias. No século XVI, a mulher é apagada por meio da figura masculina, que ao mesmo tempo depende do sexo oposto para obter êxito diante do processo de colonização.

Muitas mulheres contribuíram efetivamente para que o Brasil pudesse ser explorado e se tornaram, para o homem contemporâneo, mitos inspiradores de outros mitos.

A mulher - principalmente a judia, já que ainda luta por sua emancipação - deixa de fazer parte apenas das decisões voltadas para a cozinha e passa a adquirir um papel social importante. A imagem feminina de Branca Dias ajuda-nos a compreender o sentido simbólico tanto do mito primordial quanto do contemporâneo, revelando-nos a necessidade de que, para a criação de uma sociedade que repete cada vez mais o papel da mulher, é preciso que haja o conhecimento acerca dos mitos que constituem a nossa sociedade.

Sendo assim, a leitura da obra *O Santo Inquérito* contribui significativamente para a identificação da figura mítica feminina presente no imaginário hebreu. Além disso, é perceptível a presença do arquétipo do herói em Branca Dias que, diante de um comportamento resignado, doa-se ao outro até a sua morte. A fogueira representa o nascer de novo, a vitória de nossa heroína diante das injustiças praticadas contra os cristãos-novos, as mulheres e todos aqueles que foram resistentes a qualquer tipo de ideal absolutista em qualquer momento histórico.

Referência Bibliográfica:

- BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BOWRA, C. M. *A experiência grega*. Lisboa: Arcádia Limitada, 1967.
- BRANDÃO, Juanito de Sousa. *Mitologia grega*. Vol.1. 19ª edição. Petrópolis: Vozes, 2007.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. Trad.: Maria Lúcia Machado, São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DURAND, Gilbert. *Campos do imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- GALINKIN, Ana Lúcia. *A maioria da menina judia: o retorno de Lilith*. Universidade de Brasília. http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/A/Ana_Lucia_Galinkin_24_A.pdf
- GOMES, Dias. *O Santo Inquérito*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2009.
- _____. *O engajamento é uma prática da liberdade*. Revista Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. n 5/6, 1966, p. 222.
- HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Atual, 1986.
- JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 6ª edição, 2008.
- _____. *O homem e seus símbolos*. Trad. De Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 7ª edição.
- KOCHMANN, Sandra. *O lugar da mulher no judaísmo*. Revista de Estudos da Religião, PUC, São Paulo, n° 2, 2005, pp. 33-35,
- KRAMER, Heinrich e SPRENGER, James. *O martelo das feiticeiras*. Trad.: Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 12ª edição, 1997.
- MONTERO, Santiago. *Deusas e Adivinhas: mulher e adivinhação na Roma Antiga*. Trad. Nelson Canabarro. São Paulo: Musa Editora, 1998.
- PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 6ª edição, 2002.
- SCLIAR, Moacyr. *A condição judaica: das Tábuas da Lei à Mesa da Cozinha*. Porto Alegre: L&PM, 1985.